



● Ataque à democracia ● Um ano depois

Cúpula do DF teve 'apagão decisório' diante de alertas às vésperas do 8/1

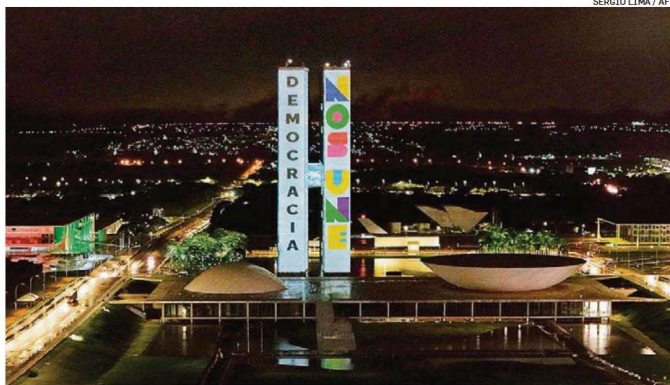
— Mensagens no grupo de WhatsApp das forças de segurança revelam que as autoridades foram avisadas do risco de violência, mas se comportaram como se estivesse 'tudo normal'

VINÍCIUS VALFRÉ
JULIA AFFONSO
DANIEL WETERMAN
BRASILIA

A cúpula da área de segurança do governo do Distrito Federal, incluindo servidores da confiança do então secretário da área, Anderson Torres, sabia que a intenção dos extremistas era chegar à Esplanada para a "tomada do poder". Diversos alertas sobre o tema foram emitidos, nos dias que antecederam o 8 de janeiro, no principal grupo de WhatsApp dos chefes e diretores das forças policiais do Distrito Federal. As trocas de mensagens revelam série de omissões, avaliações equivocadas sobre riscos e um "apagão" decisório quando a destruição começou. O Estadão teve acesso à íntegra das conversas.

Havia outros grupos de conversas com integrantes de forças de segurança. Mas uma reunião no dia 6, realizada no Centro Integrado de Operações de Brasília (Ciob), decidiu que o "Perímetros segurança" serviria para troca de informações necessárias tanto para ações de "monitoramento" de manifestantes quanto para "acionamento" de equipes. A decisão de priorizar o grupo foi comunicada ainda na manhã daquele dia pela coronel Cíntia de Castro, subsecretária de Operações Integradas da Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP-DF).

Além dela, estavam no grupo o número 2 da pasta, delegado Fernando de Sousa Oliveira, secretário executivo da SSP-DF, e a delegada Marília Alencar, chefe da seção de Inteligência da secretaria. O trio era subordinado ao então secretário Anderson Torres. Torres viajou aos Estados Unidos no dia 6, apesar de alertas sobre a possibilidade de tumulto.



Brasília

Iluminar para lembrar

— A frase "Democracia nos une" foi projetada na fachada do Congresso Nacional ontem à noite, em memória do ataque às sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023. Até agora, 6.204 decisões sobre o caso foram proferidas pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF. ●

Estavam ainda no grupo o comandante da PM, coronel Fábio Augusto Vieira, o comandante do Batalhão de Trânsito, coronel Edvã de Oliveira Sousa, e o comandante do 1º Comando de Policiamento Regional, coronel Marcelo Casimiro Rodrigues, responsável pelo policiamento na região central de Brasília e por tratar de tamanho e de distribuição do efetivo na área. Ao todo eram 31 pessoas. Havia outros representantes da SSP-DF, das polícias Militar e Civil, do Corpo de Bombeiros, do Detran, do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), da Polícia Rodoviária Federal, do Senado, do Supremo Tribunal Federal e do Itamaraty.

EMOJIS. Ainda no dia 6, uma sexta-feira, às 17h, a coronel Cíntia enviou a informação de que o sistema da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) havia identifica-

do 1.622 passageiros em 43 ônibus fretados com chegada a Brasília prevista para o fim de semana. O coronel Casemiro e o secretário executivo responderam com emojis de olhos arregalados e polegar para cima.

No sábado, dia 7, as informações indicaram o recrutamento das ameaças. Logo às 20h, um servidor identificado como capitão Júnior, do serviço de Inteligência do 1º CPR, relatou a chegada de ônibus ao acampamento de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) montado em frente ao Quartel General do Exército. Até o fim do dia, ele informaria placas de 84 coletivos desembarcando manifestantes.

"A movimentação seria por si só um ato criminoso"

Delegado Andrei Rodrigues
Diretor da Polícia Federal

'ATO CRIMINOSO'. Naquela mesma tarde, uma reunião da cúpula da Polícia Federal com o secretário Fernando Oliveira e a subsecretária Cíntia expôs a "divergência" na percepção sobre os preparativos. Segundo um relatório da PF sobre o encontro, o diretor-geral, Andrei Rodrigues, entendia que "a movimentação seria por si só um ato criminoso, pois atentaria contra o Estado Democrático de Direito". Por outro lado, os representantes da equipe de Anderson Torres "manifestaram um entendimento diverso, alegando que se trataria de uma simples manifestação de cunho pacífico".

Após a reunião com a PF não houve mudança na interação do grupo, e as horas seguintes do dia 7 foram de pressão de manifestantes para estacionar em áreas proibidas e para desfazer bloqueios que impediam a chegada de mais pessoas ao acampamento. Apesar da facilitação

dade para remoção do bloqueio do Exército, os servidores se convenceram da "tranquilidade" da movimentação.

Sem que os planos dos acampados tenham sido frustrados pelos militares, extremistas interpretaram o cenário como um aval do Exército à organização. Às 18h, a coronel Cíntia compartilhou com o grupo o vídeo de um dos manifestantes afirmando ter o apoio do quartel e que o objetivo era tomar a Esplanada.

"Vai sair todo mundo para ir para a Esplanada. Vamos fazer isso hoje, não sei que horas. E amanhã, domingo, e segunda-feira também. O Exército está do lado do povo, cuida, está ajudando. Se estivesse contra, não estaria deixando a gente armar barraca. Tem comida, tem banheiro, tem de tudo aqui", disse.

A subsecretária fez um comentário sucinto sobre a motivação do radical. "Falando de descer hoje à noite a Esplanada! Vamos ficar atentos, senhores", disse a coronel, sem receber respostas dos demais integrantes do grupo.

'NORMAL'. Às 23h17, o secretário executivo Fernando Oliveira escreveu pela primeira vez: "Senhores/as, qual a última parcial das ruas? Tudo dentro da normalidade, do esperado?". O chefe do 1º CPR, Marcelo Casimiro, respondeu que não havia problemas e que a tropa estava atenta. "Tudo dentro da normalidade, do esperado", disse.

Antes da meia-noite, um outro relatório da Inteligência. A informação era a de que uma parte dos acampados queria descer em direção à Esplanada ainda na noite do dia 7, mas que a decisão ficou para o dia seguinte. ●

'Não houve falha no planejamento' diz coronel

Procurada para comentar a atuação dos integrantes das polícias no grupo do WhatsApp, a SSP-DF informou somente que "não comenta sobre investigações em andamento". A PM não deu retornos. A reportagem fez con-

tato com advogados de Fernando de Sousa Oliveira e Cíntia de Castro, mas eles não deram retornos. O advogado do coronel Casimiro Rodrigues não foi localizado. Em depoimento à CPI do DF, o coronel afirmou que

não comandou a operação, não recebeu relatórios de inteligência, apenas delegou o comando.

Aos deputados, o delegado Fernando, secretário executivo da SSP-DF, afirmou que houve erro da Polícia Militar ao execu-

tar o planejamento. "A PM deveria manter reforço de efetivo nas adjacências, nos prédios públicos, na rodoviária e em todo perímetro. Era para manter todo o reforço de efetivo. As ações acordadas na sexta-feira não foram cumpridas", disse. A coronel Cíntia, subsecretária da pasta, afirmou à CPI que não houve

falha no planejamento, mas na execução por parte da PM. "Foi realizado (o planejamento) considerando o nível máximo de ameaça. Não houve falha no planejamento. Houve falha na execução", afirmou. ● VJ, JA E DW

INTELIGÊNCIA RELATOU 'APOLOGIA AO ASSASSINATO DE LULA, AB